

**APRENDER COM VIDA, DIALOGAR COM A VIDA ENSINAR PELA VIDA**  
*Cantata para voz, vento, viola e violino*  
*em três movimentos*

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Este escrito foi originalmente  
um capítulo de livro  
ou um artigo publicado ou utilizado  
para aulas e palestras.  
Nesta versão “nas nuvens”  
ele pode ser livre  
e gratuitamente acessado  
para ser lido ou utilizado  
de alguma outra maneira.  
Livros e outros escritos meus  
podem de igual maneira  
ser acessados livremente em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
ou em  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
**LIVRO LIVRE*****

*A matéria atingiu o ponto  
em que começa a se conhecer.  
O homem é a maneira  
de uma estrela saber sobre as estrelas.*

***George Wald***

*Uma árvore cai com um grande estrondo.  
Mas ninguém escuta a floresta crescer.*

***Provérbio do Senegal.***

## ***Primeiro movimento*** ***no meio da noite, alguns gestos e estrelas***

### **1.**

Como teria sido uma noite vivida já sob o olhar dos seres humanos.  
e sentida e pensada entre os seus primeiros símbolos e saberes  
mas uma noite ainda anterior às palavras que juntas dizem idéias?  
Uma noite sem data, esquecida no passar de um tempo sem horas  
quando um nosso primeiro ancestral ainda peludo, mas já de pé  
terá descansado sobre os ombros de um menino o terno peso do braço,  
e entre movimentos das mãos e do olhar terá desenhado no ar alguns gestos,  
e sem nada dizer terá ensinado ao menino o lugar de uma estrela nos céus.  
Como terão sido os desenhos daqueles gestos ainda sem a voz  
e, no entanto, já tão humanamente sábios e proféticos?  
Gestos primitivos do saber e da partilha do que se sabe  
na noite em que sob a proteção do vagar dos astros  
o homem velho e o menino depois adormeceram sob uma árvore  
sem imaginar que haviam criado ali o milagre de aprender-e-ensinar,  
para que o saber não morra, nem as pessoas, e nem as estrelas?

### **2.**

Como terá acontecido em uma outra noite posterior,  
mas há milênios também apagada de todas as memórias  
quando um outro homem, já senhor das palavras  
terá aconchegado ao redor do fogo aceso ao seu lado  
uma mulher e um menino de seu bando, de sua tribo  
E levantando ao alto dois dedos da mão direita  
terá apontado uma estrela entre as muitas do céu de um julho  
E com a voz pausada e rouca pelos anos terá pronunciado  
pela primeira vez um seu primeiro nome?  
Que pássaros acordados na noite e que outros seres da selva,  
e que brancas flores noturnas, dessas em que só o perfume  
já torna tão cheio de mistérios o mundo e a vida  
terão assistido, uma vez e outra, separadas por milênios de anos  
aqueles instantes fugazes da história, quando, primeiro um gesto  
e, depois, uma pioneira palavra terão semeado no mundo  
a aventura de inventar o dom com que nós, os seres humanos  
desde então em diante nos acostumamos a viver?  
Gestos de trocas entre as teias, as redes e as tramas  
do tecidos de símbolos, saberes e sentidos  
vividos através de uma estranha gramática de gestos

de uma vida tornada afinal através de quem somos  
a consciência que pensa, e se pensa pensando  
e sente o que pensa e pensa o que sente  
e sentindo e pensando fala a si e ao outro  
na aventura da troca e da partilha do sentimento e do saber.  
Os primeiros gestos do coração, do corpo e da mente  
que milênios mais tarde entre línguas de muitos povos e culturas  
ganharam o nome que em nossa língua aprendemos a chamar: *educação*.

### 3.

Entre gestos de saber e de amor, entre momentos de conflito e paz  
com movimentos com as mãos, sussurros e balanços do olhar  
alguns murmúrios de palavras e as primeiras breves frases  
a pequena semente do que veio a ser a *educação*  
lançou as primeiras pequenas raízes no solo da cultura  
e depois estendeu-se de muitos modos e entre muitas línguas  
por toda nossa Nave-Casa-Terra, onde havia então alguém como nós.  
Curiosos seres que aprendem para ensinar e ensinam para aprender.  
E a educação fez morada entre os povos do deserto, da savana e da floresta.

Ali, onde houvesse uma mínima parcela de seres humanos  
de quem somos herdeiros na teia da vida,  
entre pais e filhos, entre mães e filhas, em um bando alegre de crianças,  
entre os anciãos do conselho, os xamãs da tribo,  
as velhas parteiras de mãos sábias, os que nomeavam as estrelas,  
os construtores de canoas, as tecedeiras de panos, os semeadores de grãos,  
os domadores de cabras e cavalos, os decifradores de sonhos,  
os criadores de cantos, de preces, os errantes inventores da poesia,  
os primeiros sábios de um povo, os mestres do silêncio e da palavra  
foram eles aqueles que diante dos que os ouviam e falavam.  
E entre eles e nós um mesmo ardor de compartilhar o que se sente e sabe  
nos faz lembrar, ao longo das eras e ao largo da Terra,  
que não somos humanos porque somos seres racionais.  
Somos quem somos porque, diferentes dos outros seres vivos  
com quem partilhamos um mesmo planeta azul e errante,  
nós, os humanos, somos os seres sempre aprendentes.  
Mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e velhos  
que vivem no saber aprender, no aprender a saber  
e no partilhar o que se aprende e sabe, a sua maior aventura.  
Uma lição sem fim, porque praticada por seres sempre inacabáveis.

#### 4.

E de distantes longos dias até hoje,  
entre guerra e paz, entre o acordo e a desavença,  
os seres que somos descobrimos que de pouco valem  
o sentir e o saber, o pensar e o buscar para tudo um sentido,  
se não existir entre as pessoas que se reúnem ao redor do fogo  
na trilha de uma estrada, sob a sombra de uma árvore  
sobre a esteira de uma choça ou sob o teto de uma sala  
o desejo coletivo de transformar no dom gratuito da troca  
tudo aquilo que entre os símbolos, os gestos e as palavras  
aprendemos a criar, a compartilhar, a trocar, a partilhar.

Assim como nós nos tornamos quem somos  
porque aprendemos a repartir entre homens e mulheres  
a carne da caça e o peixe, a semente, a fruta e o pão,  
assim também aprendemos a entretecer entre todos  
os mistérios dos gestos das mãos e da voz  
através dos quais a filha aprende com a mãe  
os segredos do amassar a farinha e assar a massa no forno,  
tal como a mãe que agora ensina aprendeu com a avó um dia.  
E ao longo dos tempos os homens e as mulheres que ensinavam  
souberam apalavrar a informação, o conhecimento e o saber.  
E como a carne ou o pão compartilhavam um outro alimento,  
aquele que nutre o corpo do espírito  
ao ensinar algo esquecido a quem não sabe, e lembra.

#### 5.

Vivendo juntos a vida coletiva entre a natureza e a aldeia,  
os homens do mundo antes de nós aprenderam  
alguma coisa mais do que as lições que o mundo e a vida ensinam.  
E com os mais diferentes nomes uma mesma *educação*  
um dia semeada antes das palavras navegou com eles  
a sua viagem ao longo de perguntas e respostas sem fim.  
Uma difícil viagem de um ir a horizontes sempre além  
por entre trilhas entre rumos sempre incertos,  
porque a verdadeira educação é uma aventura com começos previsíveis  
e por entre os rumos incertos e inesperados  
que o aprender inventa a cada instante  
e o ensinar nem sempre decifra.

Uma aventura cheia de certezas e de esperanças,  
mas também de medos e recuos, e de tropeços e imprevistos  
em meio a horas claras e outras horas sombrias.

Uma viagem com o impreciso mapa de incertas teorias  
entre intuições sábias que os poderes do mundo silenciam.

Pois cedo quem ensina e aprende descobriu  
que quem educa entre a palavra, lousa e o livro  
guarda em sua fala e no diálogo que a educação inventa  
um poder mais forte e mais humanamente duradouro  
do que o daqueles que a cavalo e entre gritos de guerra  
investem fúrias sobre os outros com a lança e a espada.

## 6.

Seres como nós, vindos de muito antes.

Seres por onde a vida alcançou a consciência que se pensa  
ao pensar o mundo onde ela pensa e a vida que nela a si se pensa.

Filhos do barro, seres das águas, da chama e da carne,  
ferreiros dos signos, escrivães dos símbolos,  
semeadores do oitavo dia, criadores do tempo da cultura,  
com que a tudo à sua volta deram um rosto e um nome,  
e em todas as coisas assinaram o sinal de seu saber.

Marcas de alma e sangue dos sonhos dos homens  
que ousaram roçar com amor e temor  
o solo do espírito, da mente e do pensamento,  
olhando com fome os dedos do artesão e as mãos do sábio  
e murmurando com o coração as palavras que ouviam.  
Saberes que solitário o sábio sonha, desvenda e decifra.  
Saberes que a mestra e seus alunos aprendem e ensinam.

## 7.

Como o chão de terra do clã tribal, no mapa vivo dos sinais da aldeia,  
dentro das canoas, nos caminhos de terra da floresta,  
no tabuleiro das primeiras roças de inhame ou de trigo,  
seguindo atrás os passos dos adultos entre as horas dos dias,  
olhando em silêncio a mãe fazer uma esteira de palha,  
observando o gesto de um pai que semeia o grão de alfafa,  
como terá acontecido que as crianças das primeiras tribos  
tenham aprendido antes dos rituais que as fazem jovens  
a conhecer os segredos das plantas, das águas e dos bichos,  
a perceber nas nuvens do céu os sinais do tempo,

a entalhar na madeira as primeiras flautas e tambores  
e a saber entoar as canções, a dançar as danças e a soletrar preces  
aos pássaros, às flores, aos ancestrais e aos deuses de seus mundos?

Eles, senhores das selvas e das savanas, povos originários  
ainda por felicidade não separados da natureza  
e que se dividiam em clãs e a cada um atribuíam com ternura  
o nome de um vento, de uma planta, de um bicho.  
Eu sou “onça”, um dizia, e eu “arara”, dizia um outro, e eu “o ipê”.  
Filhos do vento, irmãos da terra, a terra e a Terra  
tratavam como a casa, e ao rio como um irmão e um caminho.  
E ali onde sepultavam os seus mortos queridos  
um vale, uma selva ou um monte eram sagrados.  
E ao animal que caçavam, provedor da vida, pediam perdão,  
pois não matavam um bicho, mas um ser a vida, como eles.

## **8.**

Como aprendiam com o tempo a desfiar as teias infindáveis  
dos nomes e do valor das coisas da selva e da aldeia?  
Como sabiam aos sete anos decifrar os mistérios  
da equação das categorias sociais das pessoas  
com quem era dado a cada um viver e partilhar a vida?  
Como as crianças aprendiam a saber desde cedo  
quem no chão da tribo era quem, entre todas e todos,  
para dividir uma casa ou uma cama, para brincar,  
para aprender-com, para ouvir e falar, para temer,  
para amar, para misturar entre gemidos os sucos do corpo,  
e para semear na mulher a vida; para parir e cuidar,  
para esperar, para ajudar a morrer, para enterrar?  
E como é que os mistérios da tribo eram guardados  
antes da escrita na efêmera flor da memória do grupo  
e de uma geração à outra varavam o sono dos séculos?

## **9.**

Como será que do adulto ao menino transitaram  
entre pessoas, eras e lugares, os segredo de como invocar  
o artifício da magia, a mãe da ciência e sua irmã?  
Como foi que um alguém ensinou a um outro alguém  
os outros nomes das mesmas e de outras coisas?

Como um dia alguém fabricou uma arapuca  
e mostrou com gestos a um menino o que havia nela.  
E pela primeira vez a inocência e a maldade do homem  
prenderam ali uma distraída ave amarela?  
Como, homens nus ou vestidos de peles  
multiplicando entre o bem e o mal, a paz e a luta  
a ilusão do domínio do homem sobre o mundo  
e sobre tudo o que ele via, tocava ou imaginava  
transformaram o que aprendiam a conhecer  
ora em poder, ora em arte,  
ora em saber, ora em sabedoria.

### **10.**

Homens que com o que aprendiam souberem gerar  
entre os atos da técnica e os gestos do desejo,  
os saberes da sementeira dos grãos e do trato amoroso dos bichos,  
mas também as artimanhas com que o homem  
transforma com as chamas do fogo a mata em deserto.  
Pois como quem de todas as coisas conhecidas sonha ser o senhor,  
mas tal como a criança precisa a cada dia aprender de novo cada passo  
do caminho do saber que habita ao mesmo tempo a sua alma e o universo,  
eis que o homem leu e releu pelo fio do tempo afora as lições  
do difícil conviver com os outros de seu mundo de vida e de cultura  
e com a matéria da pedra e a energia do sol,  
ora sabendo lembrar, ora esquecendo de saber que nós  
não somos mais do que a própria natureza viva,  
transformada nos seres que aprenderam a pensá-la  
e a atuar com ela e sobre ela com a mente e as mãos  
ora como seus algozes, ora como seus irmãos.

### **11.**

E para transformar tanto o mundo em que vivemos  
quando a nós, passageiros habitantes da Terra,  
segundo as imagens dos sonhos que nas noites sonhavam os magos,  
entre momentos próximos e opostos de amor e medo  
as pessoas do mundo da cultura que a *educação* cria e consagra  
aprenderam a criar e construir, a saber e a repartir  
os objetos de seus dias: o arco e o cesto, a prece e a rede,  
o arado e o fio da sementeira, os desenhos passados no rosto do morto,  
os colares e os braceletes das festas dos corpos de suas filhas.

E, assim, de acordo com a gramática de seus múltiplos ofícios entre todos, desiguais iguados, homens e mulheres, a tribo aprendeu a fazer circularem ao redor da aldeia de casa em casa os bens do fruto do amor, do saber e do trabalho: peixes, pássaros e pessoas, preces, poemas e parábolas.

## **12.**

E em cada cultura, entre a selva e a cidade, tudo o que existia ia até onde alcançava chegar a *educação* em meio a pessoas e saberes ao mesmo tempo iguais e diferentes. Pois houve uma era em que em quase nada diversa de uma brincadeira entre meninas e meninos ou do trabalho do amanhã da mãe-terra que três meses depois multiplica por cem uma semente, eis que a *educação* vagava de mão em mão, de alma a alma, no bailar de seus entre-gestos, no dizer de suas falas. E foi quando ela não tinha ainda sequer este nome e nem os seus senhores, e nem aqueles a quem eles serviam, uma *educação* então livre como as flores do campo que todos colhem pelo caminho e carregam para a casa, amadurecia solitária, solidária, o fruto que o saber semeava.

## ***Segundo movimento*** ***o tempo das cercas e do saber aprisionado***

## **13.**

Por toda a parte, ao redor de quase todo o mundo, quando surgiram e cresceram entre os humanos o desejo da posse, o ganho em lugar da troca e os poderes dos homens de depois das aldeias, aqueles que inventaram a cerca e a palavra "meu" e submeteram a água e a terra à maldição do domínio e domaram e tornaram seus os homens e os frutos do trabalho de todos eis que se multiplicaram por cem e por sete vezes mil as cestas das colheitas de doídos corpos curvados sobre o chão que não era mais de todos da aldeia e as outras riquezas da terra, entre o grão do arroz e o do ouro. E o que mãos de mulheres e homens germinavam eram destinados a alguns senhores de terras cercadas e águas prisioneiras. Foi quando o desejo da posse substituiu o fervor do dom,



o poder de possuir para si mesmo tomou o fruto do trabalho do outro  
e transformou o uso e a troca solidária na maldição do ganho e do lucro.

Então entre os homens da cidade surgiram os palácios de grandes portas  
os muros, as cercas, a prisão, a ganância e a guerra, os generais e as tropas,  
as tropelias dos senhores e a servidão dos outros,  
as leis entre os agora desiguais, os grilhões, as grades,  
os juízes que condenam, os que prendem e os que mandam matar.  
E surgiu o moeda que se acumula nos porões dos castelos  
e não serve para germinar a terra, para adornar o corpo de uma moça  
e nem para comer a partilha da vida  
ao redor da fogueira de outros tempos.

#### 14.

Veio o tempo em que alguns se tornaram donos do gado  
e coube aos outros o dever de vigiá-lo para os seus senhores.  
E a floresta antes queimada em pequenas quadras  
e onde de novo as árvores floriam depois que a tribo mudava de lugar  
foram arrasadas a poder de ferramentas cada vez mais vorazes.  
E ali onde havia primeiro o buriti e depois o trigo  
as patas dos bois e as árvores que semeiam desertos se multiplicaram.  
E empilharam uns os montes do mesmo trigo que faltava na mesa de outros.  
E mãos de mães e filhas agora teciam em teares de lágrimas a roupa de poucos.  
Sobre o chão dos primeiros reinos divididos entre os homens  
tornaram-se uns os donos da terra, das beiras dos rios e dos riachos.  
E foram os que do alto de um palanque bradavam aos outros todos:  
"Esta terra é minha e o trabalho de vocês nela é também meu!"

E cada vez mais onde antes havia trilhas sem cercas e casas sem portas  
eles fizeram grandes portais fechados e com espinhos inventaram as cercas.  
E onde antes todos eram livres e diferentemente iguais,  
veio o tempo do cetro, da coroa e das palavras "senhor" e "servo".  
E veio então a era do domínio que torna desigual a diferença entre todos,  
e com falsas palavras pronunciadas como sagradas,  
veio a lei que transforma em servo quem ontem era livre  
e torna a terra tratada com as mãos e o amor  
em um territórios de tabuleiros de gado, soja e eucalipto.

## 15.

E foi quando as pessoas de um diverso mundo  
começaram a ensinar e a obrigar a aprender outras lições.  
E então o saber que dava nome às imagens e criava canções e mitos,  
e era o fruto do trabalho sobre a terra e irmão do espanto e da maravilha,  
dividiu-se também entre os filhos dos homens e os seus mestres,  
assim como a terra e os seus frutos  
passaram do dom e da partilha à posse e ao poder.  
E o que fora repartido entre todos: nomes, segredos, saberes, memórias,  
aos poucos saiu da volta das fogueiras e do olhar dos primeiros sábios  
e encerrou-se entre altas paredes protegidas por e guardas e silêncios.  
E foi assim, como o grão roubado da mesa de todos para o celeiro dos ricos,  
que uma parte do antigo ofício de ensinar e aprender  
dividiu-se também entre as mãos alvas de senhores de sedas e segredos  
esquecidos, como os mestres de quem eles eram os donos,  
do trabalho solidário que tanto semeia o grão nas leiras de outubro  
quando o que faz florescer na mente da criança o fruto solidário do saber.

## 16.

De quem é a lua e de quem são as estrelas?  
De quem são as figuras que a alma dos homens faz delas?  
De quem são os seus nomes e os rumos no mar que elas traçam ao navegante?  
De quem é o saber sobre as estrelas, e o chão da terra e os seus frutos?  
Em nome de quem e do quê alguns homens fracionaram o saber em saberes  
e deram a cada um um caminho e um destino tão diversos  
do que houve antes entre homens diferentes, tornados um dia desiguais?  
Como é que foram separados por muros os nomes das coisas da Terra,  
o conhecimento dos gestos, o sonhar de destinos e o sentido da vida?  
E em nome de quem? De que pedras, rios, dragões ou deuses,  
entre as classes em que mulheres e homens se converteram  
a uns poucos foi dado o poder de pronunciar as palavras,  
e aos outros o dever de ouvir e obedecer em silêncio?

## 17.

E veio o tempo em que a *educação* de um mundo dividido  
reservou a poucos o segredo das letras de músicas difíceis de decifrar  
sem nunca haverem sido por isto mais sábias do que foram antes  
o saber dos segredos da vida que entre todos se bailava e se sabia.

Acaso esquecemos, nós que educamos com e para a vida  
todas estas lições da história de antes e de agora?  
Olhamos em nós e ao redor de nós e vemos da educação os seus despojos  
ou apenas a transformamos em um outro mito, criado por outros magos?

Por que então aconteceu com a educação  
em nome de quem ainda acreditamos  
que vivemos juntos uma mesma vocação de esperança,  
algo como se uma canção comum, uma dessas cantigas  
um dia surgidas no centro da aldeia sem que se saiba de quem ou quando,  
e que as pessoas todas juntas aprenderam a entoar  
entre vozes de meninas e velhos, ao som de flautas de madeira,  
e cantando e dançando rememorassem entre rimas e risos  
as estórias de sua própria história e as crenças de suas vidas,  
fosse à força aprisionada e dada aos senhores de templos e palácios,  
onde apenas alguns iniciados, vestidos de roupas brancas de linho,  
e separados dos muitos, soubessem tocá-la com flautas de ouro  
e cantar em voz baixa canções secretas aos seus deuses e senhores.

### ***terceiro movimento***

#### ***tão grande quanto tudo o que é humano é a educação***

#### **18.**

Tão grande quanto tudo o que é humano é a *educação*.  
E mais ainda quando ela toma o amor entre nós e entre nós e a vida  
como o chão de seu saber e o horizonte de sua incerta e certa trilha.  
E também tão forte e frágil, tão estranha, tão generosa,  
tão aberta ao sentir do coração de uma criança de seis anos  
e tão fácil de ser entregue ao mal da ganância e do domínio do poder.  
Depois de tantos milênios de existir entre tantos povos,  
a face múltipla da educação está viva como os seres humanos  
entre as suas sinuosas travessias de histórias e culturas.

E depois de tanto, de todas as teorias sobre ela e os seus segredos  
e mais os métodos e os artifícios de sua amorosa prática  
não logramos tornar a *educação* e nem a sua sábia, humilde  
e multiforme tessitura de fios entrelaçados de trocas entre as pessoas  
muito diferente do que única e múltipla, igual e diversa,  
ela tem sido ao longo da trajetória de sua própria vida  
entre mestres e aprendizes, entre professoras e alunas,  
entre meninos que brincam entre eles. Entre avós e netas.

## 19.

Nada existe na *educação* de eterno,  
nada de acabado ou de absoluto,  
e tudo o que nela parece eterno  
ao mesmo tempo muda, e mudando, permanece,  
pois a cada era ou a cada dia ela não é mais do que aquilo  
que os que se reúnem para dialogar a sua fala e o seu silêncio fazem dela.  
Nós, criaturas de Prometeu, acendemos um dia o seu fogo!  
Pois como tudo o que o homem precisou aprender para ser e criar  
a *educação* é fruto do saber e do lento e árduo trabalho humano.  
E é, ela própria, um trabalho de homens e mulheres entre eles e elas.  
Um trabalho feito com sons e sentidos sobre a matéria de nosso espírito.  
E tal como acontece entre os homens da terra,  
apenas em um outro solo ela ara, lavra, semeia, cuida e colhe frutos  
no chão de seu próprio corpo:  
a mente, o coração e o espírito humano.

## 20.

A educação que sonhamos praticar deve existir apenas  
onde as mulheres e os homens se reúnem e compartilham,  
livres e iguais, à volta da fogueira ou entre as paredes de uma sala  
os seus símbolos e sensibilidades  
seus sentidos e significados,  
seus saberes e sociabilidades,  
e mais a nossa imperecível vocação de não apenas habitar um mundo  
mas de criarmos juntos o mundo onde vivemos nossas vidas e destinos.

Por isso, quando alguém destrói nela e através dela  
as teias e tramas das trocas solidárias do trabalho  
e a virtudes da generosa repartição de seus frutos,  
de igual maneira a *educação* muda os seus nomes,  
condena os seus sábios ao silêncio,  
destina a sua inata rebeldia ao desterro,  
e transforma nos vícios da mera informação que se compra e vende  
as ousadia humanas do saber e da sabedoria.

## 21.

Aqueles que pretenderam obrigar um dia o educador  
a ser menos humano do que foram antes os que ensinaram aos livres,  
ignoram ao longo das eras dos tempos e das eiras dos povos

que uma coisa é o ensinar que acende luzes, dialoga entre mentes e gera entre todos o saber de quem ao se transformar transforma os outros, e junto com os outros transforma em mais humano o seu próprio mundo.

E outra coisa bem diversa é apenas instruir uma criança, para que anos mais tarde ela seja uma seguidora silenciosa e fiel das leis que transmutam a sociedade em um mercado, o território livre da vida no mundo aprisionado dos negócios, e os seus sujeitos em servos que não lembram mais quem foram, quem são agora e quem poderiam ser se outro fosse o seu saber.

## 22.

Porque os que dizem que o seu ofício apenas instrui o que se sabe esquecidos de ensinar o que se cria com o outro e se aprende com ele, esqueceram de contar que a mesma luz que clareia salas escurecidas é também um fogo vivo que quando irrompe entre muitas mentes incendeia no meio da noite o coração do homem e o mundo.

Emissário da palavra, buscador do diálogo, amador da vida, co-criador de homens novos e de mulheres indomáveis, o educador não é um artesão estacionado no seu tempo. E se podemos parecer sermos hoje menos do que fomos ontem, sabemos também que somos agora mais indispensáveis do que nunca. Porque mais do que nunca, mais do que sempre, trata-se de salvar o homem de si mesmo e a si mesmo trata-se de reverdecer o mundo e recriar a vida e quem aprende e educa vive aí o seu lugar essencial.

## 23.

E é por isto que nós somos como pontes sobre a terceira margem do rio. Somos a memória do que não deve ser apagado do coração do homem e somos o chamado à aventura de criar o que merece ser aprendido. Somos os que se abrem a reaprender de novo e a cada dia. A saber aprender com o vôo dos pássaros e com o crescer da floresta a inverter com a novidade da vida as lições mofadas da sala de aulas. Sabemos que sempre é possível recriar com o outro as palavras esquecidas dos que tiveram a voz silenciada. Entre todos e não apenas entre os poucos escolhidos o trabalho do educador serve e deverá servir ao reencontro do ser humano com a sua origem. E não apenas por dever de ofício é urgente nunca esquecermos que se não tomarmos entre as mãos o leme do navio da *educação*

outros irão fazer isto por nós, e contra nós, contra a vida  
e contra o horizonte da aurora dos tempos que não de vir,  
porque, juntas e juntos, nós faremos com que ele um dia ele cheguem.

#### **24.**

E nós, educadoras e educadores  
da natureza, da vida e do ambiente,  
aprendemos e ensinamos porque cremos  
que nós, a fração humana da vida  
somos também, como a própria vida,  
feitos de água, de barro e de fogo  
e por isso somos o desejo e o amor.  
Somos feitos de terra e de vento  
e, assim, somos eternos como a vida  
e somos passageiros como a flor.  
Somos a luz, a sombra, o claro, a escuridão.  
Somos memória de um deus que é... nós.  
E somos o criar da nossa história,  
entre o saber da ciência e a poesia.  
Somos o espaço e o tempo  
o dia de sempre, o nunca e o agora.  
Somos a imensidão da Terra, nossa casa,  
E somos o vir da noite e o chegar do dia,  
e somos o ser do sol e o do céu e o do chão.

Somos o silêncio e o som da vida.  
O estudo somos, e a partilha do saber.  
Somos a lembrança e o esquecimento.  
Somos a coragem e o seu irmão, o medo,  
e somos o encontro, o aconchego e o abandono.  
A espera somos nós e somos a esperança.

Somos o perene, o fluir e o momento,  
a árvore, a pedra, o vento e a flor.  
Somos a energia, a luta e a paz.  
Somos a vida criada e o criador.  
Somos o mundo que sente,  
e irmãos da vida saberemos ser?  
Somos a aventura de ser vida  
e consciência, afeto, ternura, sentimento.  
E assim, em cada ave que voa há nossa alma,  
e em cada ave que morre, a nossa dor.

*Carlos Rodrigues Brandão*  
*Montes Claros, Pirapora, Uberlândia, Campinas, Piracicaba*  
*outono de 2014*